

_____. **A ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DANÇA DO EXISTÊNCIAL: A EDUCAÇÃO DE CORPOS MASCULINOS POR MEIO DA DANÇA NO PRESÍDIO DO SERROTÃO

Eulina Souto Dias

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

soutoeulina@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as práticas educativas por meio da dança dentro de um dos segmentos do projeto *Cultura no Presídio*. Criado em 1995, o projeto mencionado esteve em atividade até o ano de 2013, atuando na educação de apenados do presídio do Serrotão, localizado na cidade de Campina Grande, PB. Embora, o projeto também pedagogizasse os detentos nas artes aplicadas ao teatro, música e pintura, essa pesquisa se debruça a investigar, exclusivamente, acerca das experiências educativas com a dança. Para tanto, será utilizada a metodologia de análise do discurso, a partir de Michel Foucault (2014), para perquirir as notícias publicadas em alguns jornais como o *Diário da Borborema* e *Jornal da Paraíba*, principais fontes para a construção desse texto que será atravessado, sobretudo, pelos conceitos de corpo, masculinidades, dança e práticas educativas.

Palavras-chave: corpo; práticas educativas; dança; masculinidades.

A ideia de construção deste texto surgiu por causa de um bom encontro, e, a partir do encontro, nada permanece no mesmo lugar ou continua da mesma maneira: eis a potência do devir. De acordo com Márcio Silva (2010, p. 91) “o devir diz respeito não ao que somos, mas ao que estamos em via de nos tornar, ao que podemos nos tornar a partir das conexões que vivenciamos [...] o devir não define um destino, antes assinala que o destino de todas as coisas é a permanente transformação”. Certa tarde, estava no

arquivo compenetrada na leitura dos cadernos do jornal *Diário da Borborema*, que contém notícias de julho a setembro de 2003, quando me defrontei com o seguinte título “Arte é libertação”. Ansiosamente debrucei-me sobre aquela leitura e descobri a existência de um projeto de dança com homens que cumpriam pena no *Complexo Penitenciário do Serrotão*⁸⁴. Li a notícia e tomada por uma grande inquietação, busquei mais informações em outras edições, noutros jornais. Segui adiante, entrando em contato com a pessoa que coordenou o referido projeto e pedi para entrevistá-la. Dada a inviabilidade de conversar com os apenados, estava ávida em adquirir outras fontes que permitissem analisar, ao máximo, as experiências em torno desse acontecimento.

O *Complexo Penitenciário do Serrotão* divide-se em três partes que recebem as seguintes nomenclaturas: a Penitenciária Feminina, o Presídio de Segurança Máxima - onde ficam os presos em regime provisório - e a Penitenciária do Serrotão. Sendo, essa última, o local em que os homens sentenciados cumprem pena. De acordo com a pesquisa desenvolvida por Maria Pereira (2019), a área que hoje acomoda aquele que é reconhecido como o maior complexo penitenciário do estado, inicialmente, seria uma colônia agrícola. Entretanto, tornou-se um espaço cercado por grandes muros repletos de cercas eletrificadas.

Maria Pereira (2019) refletiu em seu texto sobre o abarrotamento do presídio - que acaba recolhendo muito mais prisioneiros do que a sua capacidade comporta - em meios às frequentes entradas e saídas daqueles que cumpriram a pena e os que começariam a cumprir. Contudo, um dos principais motivos para eu convocar o seu texto ao meu, justifica-se no fato dela pensar, inicialmente, os códigos de masculinidades nas relações que os prisioneiros estabelecem uns com os outros. Um exemplo está nas separações que são feitas entre aqueles que foram presos por crimes sexuais, estupros ou pedofilia, e os

⁸⁴ Popularmente conhecida como Serrotão, a *Penitenciária Regional Raymundo Asfora* foi inaugurada na cidade de Campina Grande em 1990, pelo então governador Tarcísio de Miranda Burity. O nome oficial da penitenciária foi uma homenagem póstuma ao jurista, poeta e político cearense, radicado na Paraíba Raymundo Asfora, contudo, a mesma é reconhecida - desde sua fundação - pelo nome do bairro onde ela está situada.

demais apenados. Pois, nas normas estabelecidas pelos próprios prisioneiros, os indivíduos que cometeram tais crimes mereciam tortura e morte, mostrando que eles exercem hierarquias nas relações que estabelecem uns com os outros. Desse modo, o seu texto permite uma cara reflexão ao meu: pensar esses homens e as práticas de masculinidades exercidas por eles naquele espaço.

O desafio estava lançado. Diante daquela notícia, com a qual certa tarde me defrontei, minha pesquisa vivenciava um movimento - eu queria compreender e analisar como se deu o processo de educação de corpos masculinos, por meio da dança, dentro de um presídio -, era preciso entender como esses homens recepcionaram essa possibilidade, como eles reagiram diante do novo e se eles se permitiram à dança do devir. Muitos questionamentos ganhavam formas em minha mente e eu sentia a necessidade de investigar e trazer os resultados para esse texto.

Com o título “Arte é Libertação”, a notícia publicada no jornal *Diário da Borborema*, discutia sobre um projeto desenvolvido com detentos do *Serrotão* em que havia uma reunião de diversas expressões artísticas e seria a grande atração do 29º *Festival de Inverno de Campina Grande*⁸⁵. Essa notícia me provocou o que Deleuze definiria como encontros nupciais. De acordo com Roberto Rodrigues (2015), essa seria uma das formas do filósofo referir-se ao devir. Para Deleuze, as núpcias são encontros que se dão entre as coisas. Elas, contudo, não se restringem a uma máquina binária do tipo masculino e feminino. Na verdade, são capturas; uma dupla captura entre dois reinos distintos. Eu fui capturada pela notícia que me atravessou no nosso encontro.

Publicada nas edições de julho a setembro de 2003 do *Diário da Borborema*, por meio da notícia, descobri que a bailarina Myrna Maracajá - coordenadora de dança do projeto *Cultura no Presídio* - trabalhou com os detentos as técnicas do balé clássico para

⁸⁵ O Festival de Inverno de Campina Grande é um evento de teatro, músicas e danças realizado anualmente. Fundado desde 1975, inicialmente, o festival era sediado apenas no Teatro Municipal Severino Cabral, porém, em edições posteriores, passou a incluir outros lugares da cidade, como a Praça da Bandeira, a Praça Clementino Procópio e o Teatro do SESC-Centro. Mais adiante, me aprofundarei na discussão acerca do surgimento e consolidação desse festival.

poder desenvolver com eles uma coreografia de dança contemporânea para que fosse apresentada. De acordo com a notícia publicada, naquele momento, o projeto contava com o apoio da *Secretaria de Cidadania e Justiça* e se mantinha financeiramente por meio da doação de empresários e outros interessados na eficiência do sistema carcerário local. É mostrado também que a apresentação dos detentos no palco contaria também com a exibição de um material multimídia. Ou seja, enquanto eles dançavam era mostrado em um telão, no fundo do palco, registros do cotidiano deles dentro do presídio.

Esse espetáculo formado a partir da comunhão entre o vídeo exibido no palco, enquanto os apenados dançavam, iria render um material para um futuro curta-metragem que a coordenadora do projeto pretendia lançar posteriormente, no ano de 2005, quando o projeto completaria dez anos de existência. Entretanto, possivelmente, o desejo de criação desse vídeo não foi concretizado, pois em todas as buscas que realizei não consegui encontrá-lo. Mas, em concomitância, essas buscas me possibilitaram ter acesso a outros materiais em multimídia que permitiram conhecer um pouco mais acerca do trabalho desenvolvido com esses homens. Desse modo, encontrei na página do *YouTube* dois vídeos significativos para essa pesquisa: um - que será problematizado no terceiro tópico deste capítulo - se enquadra no modelo documentário de curta duração, contendo, inclusive, entrevistas com alguns detentos. E o outro, que mostrava esses homens no palco, em cena.

Enquanto bailarina, eu fui seduzida pela técnica, pela fluidez nos movimentos executados. Enquanto historiadora, eu queria compreender como se deu a pedagogização desses corpos e articular as formações discursivas com as práticas sociais. Estava inquieta, fui provocada e não poderia me limitar ao que já existe e legitimar o que já está dado sem lançar o olhar de historiadora, mas como fiz isso? Primeiramente, determinei os caminhos a serem trilhados: reuni o máximo de material que consegui por meio de pesquisas na internet; depois, fui aos arquivos e me pus a ler e pesquisar em dois jornais

que foram de grande circulação em Campina Grande: o *Jornal da Paraíba*⁸⁶ e o *Diário da Borborema*, esse último, já mencionado outras vezes nesse trabalho. Em meio a essas pesquisas encontrei convites e outros impressos - como *folders*⁸⁷ -sobre o projeto, todos eles faziam referências as apresentações e funcionavam como forma de divulgação dos espetáculos. Encontrar esse material foi de extrema importância para o desenvolvimento desse texto, haja vista as informações preciosas que o mesmo contém, não apenas em escritos, mas em fotografias.

Márcio Silva (2010) diz que somos afetados a todo o momento; mas não sabemos nem como, nem quando, nem mesmo por quem o nosso corpo será afetado. É tudo um devir, um movimento sem escala. Mas ao sermos afetados, enfraquecemos ou nos fortalecemos. Tudo acontece no encontro dos corpos. Refletindo sobre como as palavras de Márcio Silva (2010) me chegaram e o que fabriquei a partir delas, pensei também sobre o meu encontro com Myrna Maracajá, que na entrevista que me concedeu, se definiu como: bailarina, coreógrafa, psicanalista, doutora em Psicologia Psicanalítica. Entretanto, a potência do nosso encontro se deu por ela ser, acima de tudo, transgressora. Ela transgrediu os costumes, o padrão, a esfera das normalidades e construiu experiências na desterritorialização. Nas misturas inusitadas, no pouco convencional: uma mulher que se propôs a educar corpos masculinos dentro de um sistema penitenciário para que esses corpos experimentassem ser afetados e transpassados pelo encontro com o movimento, com a dança e possíveis devir.

⁸⁶ O *Jornal da Paraíba* foi um jornal matutino de circulação diária no estado da Paraíba. Ele foi fundado em 5 de setembro de 1971 e faz parte do grupo da Rede Paraíba de Comunicação, responsável também pela TV Cabo Branco e pela TV Paraíba, ambas afiliadas da Rede Globo. Em 7 de abril de 2016, o presidente da Rede Paraíba de Comunicação, Eduardo Carlos, anunciou a suspensão da versão impressa. O motivo foi a crise econômica e o crescimento das mídias digitais. Com isso, desde então, o periódico só existe na versão online (Cf. LIMA, 2011).

⁸⁷ Um tipo de material publicitário impresso e com dobras, usado quando se precisa passar uma quantidade considerável de conteúdo, seja ele de caráter promocional (divulgação de produtos, serviços e preços) ou instrucional (apresentação da empresa).

Quero, contudo, ressaltar que tenho exposto a identidade da entrevistada, pois a mesma concedeu inteira permissão para isso. Com vistas em colaborar para que outras pessoas, melhor conheçam, o cenário campinense, no que concerne às experiências dançantes. momento do texto fazer um adendo para mostrar ao meu leitor um pouco do *Festival de Inverno de Campina Grande*. Já supramencionado, esse festival - desde a década de setenta do vigésimo século - tem sido de grande relevância para o cenário da dança campinense. Pois, no período do festival sempre ocorre a possibilidade de bailarinos dessa cidade mostrarem seu trabalho, assim como interagir com artistas de outros lugares que costumam vir ministrar oficinas e também se apresentar nos palcos da cidade.

Em uma matéria publicada no *Jornal da Paraíba*, no caderno de agosto de 2005, encontrei uma importante narrativa acerca da criação do festival. O título da notícia dizia “O Festival de Inverno de Campina Grande comemorando seus 30 anos de Arte, Cultura e Cidadania”. A notícia discorria acerca de como o festival nasceu e se consolidou ao longo das suas três décadas de existência. O *Festival de Inverno de Campina Grande*, que foi criado no ano de 1975, chegava ao seu trigésimo ano quando essa notícia foi publicada. Tinha como uma das fundadoras e diretora do projeto, Eneida Agra Maracajá⁸⁸, que se colocou de braços abertos e sorriso no rosto, na fotografia estampada na notícia.

A partir dessa experiência, da criação de um *Festival Nacional de Teatro*, em 1974, que Eneida Maracajá resolveu lançar-se em uma nova aventura: o Festival de Inverno. Um evento que contemplaria outras expressões artísticas que iam desde o teatro, à música, à dança, às artes plásticas. Assim, em 1975 o *Festival de Inverno* ganhava a sua primeira edição. Pude obter - por meio dos documentos visitados e as entrevistas - que

⁸⁸ A professora Eneida Maracajá, reconhecida pelo seu ativismo na cultura paraibana, é mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, com dissertação defendida sobre o Teatro na Educação Popular. Por doze anos, ela esteve à frente da direção do Teatro Municipal Severino Cabral, quando também criou o I Festival Nacional de Teatro: evento cultural precursor do Festival de Inverno de Campina Grande na década de setenta. Ademais, ela também é membro do Conselho Brasileiro de Dança e do Conselho Internacional de Folclore da Paraíba.

esse festival - foi e é - sinônimo de cultura e resistência na cidade. Tendo ele sobrevivido aos anos de chumbo⁸⁹, seguiu incentivando a produção artística em vários campos. Muitos artistas da dança, música e teatro se preparam ao longo do ano para inscrever-se no festival e poder levar aos palcos da cidade, no período entre julho e agosto, as coreografias entre outras artes, que tenham sido elaboradas. Entre as matérias que encontrei nos jornais acerca do festival, compartilho uma com vocês que reflete sobre esse contexto de resistência a situações políticas no cenário nacional, ela foi publicada no *Jornal da Paraíba*, no caderno de agosto de 2005 com o seguinte título “A força do Festival de Inverno”.

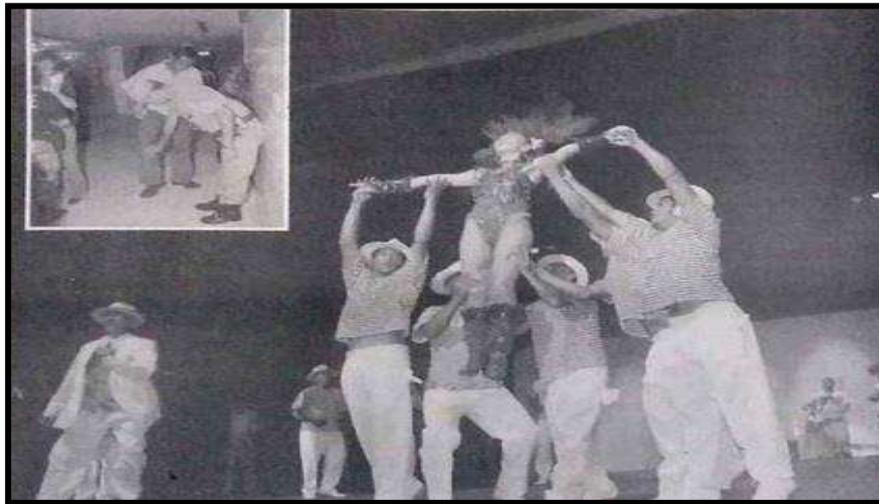
Na matéria publicada no jornal é trazido que o festival conseguiu sobreviver às transformações políticas, econômicas e sociais do país. Tendo se voltado, inclusive, para projetos permanentes, entre eles, estaria o projeto *Cultura no Presídio*, que na época da publicação da matéria, estava completando seus dez anos de atividade. A oportunidade dos apenados subirem ao palco para demonstrarem as aprendizagens artísticas, se deu nesse festival, eis um dos motivos dele ser tão significativo na construção desse texto. Dentre outras coisas, o *Festival de Inverno* tem levado a arte às ruas e tem alcançado diversificados públicos, entre os que assistem e os que a realizam.

Foi em meio a esses festivais - com toda essa dimensão - que aqueles homens que faziam parte do *Dança do Existencial*, pertencente ao projeto educacional *Cultura no Presídio*, tiveram suas primeiras experiências em um palco. Para que isso acontecesse, foi planejado um esquema prévio acerca de como os policiais poderiam se organizar para manter uma estrutura de controle daqueles corpos que estariam em cena e dos que iriam assistir. Para isso, eram mobilizados em torno de setenta homens sob o comando de um capitão, sendo parte deles pertencentes a cavalaria que deveria ficar em alerta na parte

⁸⁹ Essa expressão foi inicialmente aplicada a um fenômeno da Europa Ocidental, relacionado com a Guerra Fria e com a estratégia da tensão. Posteriormente, ela passou a designar um período de radicalização política, também fora da Europa. No Brasil, os anos de chumbo foram o período mais repressivo da ditadura militar, estendendo-se basicamente do fim de 1968, com a edição do AI-5 em 13 de dezembro daquele ano, até o final do governo Médici, em março de 1974.

externa do teatro. O público era revistado na entrada e policiais à paisana dispersavam-se pela plateia - sempre atentos às movimentações - estratégias de controle e poder. Numa notícia publicada no *Jornal da Paraíba* em agosto de 2003, com o título “Apenados se apresentam no teatro e polícia reforça segurança”, é possível visualizar tal situação.

Imagem I: Apresentação de apenados no Teatro Municipal



Fonte: *Jornal da Paraíba*, ago. 2003

A imagem que ocupava uma parcela da página da notícia está dividida em duas partes, como pode ser visto. Na parte de cima à esquerda, é mostrado ao leitor o procedimento de revista àqueles que estavam na fila aguardando para assistirem o espetáculo. E ao centro está uma grande imagem de um dos momentos do espetáculo no qual os bailarinos - vestidos de sambistas - erguem uma mulher exibindo a destreza, equilíbrio e força, que foram adquiridos ou aperfeiçoados por meio da dança. Essas duas imagens são bastante significativas, haja vista que entre as mensagens transmitidas por elas, está de aquele era um espaço da disciplina. A imagem da revista, sobretudo, exhibe disciplina, controle e segurança. Ela expressa que ali seria um lugar onde o olho do poder estaria sempre atento. Assim, a vigilância e os dispositivos de disciplina funcionam como uma maneira de tranquilizar o público que tivesse interesse em assistir o evento.

O espetáculo intitulado “*Corpos Dóceis*” - fazendo uma clara menção a obra *Vigiar e Punir* de Michel Foucault - contou com a participação de vinte e sete detentos, dos quais vinte e seis estavam cumprindo a pena em regime fechado. Tal espetáculo, que

demonstrou como a cultura e arte podem atingir os mais diferentes segmentos da sociedade e fluir nos ambientes mais improváveis, foi coordenado pela mãe e filha Eneida e Myrna Maracajá. Para além das apresentações de dança, o espetáculo contou com a apresentação de música na qual estiveram presentes: um grupo de flautistas e a dupla Eric e Erilson. A coordenadora do projeto e também bailarina e coreógrafa Myrna Maracajá, participou com um número de dança no palco. O jornal mostra que ao final de uma das apresentações, rosas foram distribuídas aos detentos que as devolveram a Eneida, e, posteriormente, ela as jogou para a plateia. Nessa plateia estavam alguns nomes influentes naquele contexto, como o secretário da Cidadania e Justiça Vital do Rego; o coronel Armand Laroche; o diretor do presídio do Serrotão à época, José de Almeida Bezerra; além do juiz das Execuções Penais Rodrigo Marques Silva Lima. No encerramento das apresentações, os detentos entregaram a Vital do Rego um quadro com uma imagem dele que havia sido reproduzida a partir de uma foto do secretário já publicada no Jornal da Paraíba, como forma de agradecimento. Na sequência, foram conduzidos de volta ao presídio. Nos jornais que tive acesso, havia sempre um parágrafo na notícia que dizia ao leitor que o evento transcorreu tranquilamente. Ou seja, a instituição policial obteve o efeito esperado pelo poder disciplinar.

Eneida Maracajá, idealizou o projeto *Cultura no Presídio* no ano de 1995, e, conforme encontrei na documentação acerca do mesmo, tinha uma proposta de humanização, a qual se deu em diversos segmentos. Eram eles: produção de escritos literários, pintura de quadros e apresentações musicais e teatrais, em um primeiro momento. Mais adiante, em 1998, Myrna expressou para sua mãe o interesse de também desenvolver um trabalho com esses apenados, momento em que as produções artísticas do projeto seriam ampliadas e tendo início o trabalho com a dança. Informo aqui que a entrevista realizada para a construção desse texto ocorreu, exclusivamente, com Myrna Maracajá, haja vista que é intenção desse texto se deter à construção de uma narrativa acerca das práticas educativas de dança que ocorreram dentro do projeto. Portanto, o *Dança do Existencial* seria apenas uma das ramificações das práticas pedagógicas que eram exercidas nessa proposta educacional. O projeto *Cultura no Presídio* esteve em atividade até o ano de 2013.

O nome “dança do existencial” teria surgido a partir da metodologia de trabalho que Myrna Maracajá buscou desenvolver para pedagogizar os presos, como ela afirma:

[...] eu criei uma metodologia própria de trabalho que chamei de Dança do Existencial. Então, Criei técnicas para trabalhar com os corpos aprisionados, inclusive, paralelamente ao trabalho, fiz muita produção científica circular por muitos estados do Brasil. Pude participar em vários congressos, seminários e também festivais, levando a experiência do projeto (Myrna Maracajá, 2019).

A entrevistada relatou que diante das dificuldades em educar os rapazes na dança, ela precisou desenvolver um método próprio buscando compreender as particularidades dos indivíduos que a cercava naquele espaço. Desse modo, buscou trabalhar o que ela apontou como o “essencial deles ali na prisão”. Assim, trabalhou as existências daqueles sujeitos pensando a saudade, o próprio encarceramento, a distância da família, o abandono, as questões familiares. Ela me afirmou que esses eram os temas mais debatidos.

No que diz respeito a sua produção científica no período, a entrevistada relatou que foi possível produzir em decorrência das inúmeras leituras e estudos que ela necessitou fazer para aprender a melhor lidar com os detentos, com vistas em facilitar o contato, as trocas e o processo educacional por meio da dança. Como pode ser visto em sua fala:

[...] foi um desafio, porque não é fácil trabalhar a dança com homem, e, homens presos então... Eu tive que entender o que é a prisão e o que são esses corpos que estavam ali. Então, eu fui ler muito sobre o tema e posso dizer que o filósofo francês Michel Foucault foi uma leitura essencial. Tanto a obra *Vigiar e Punir*, como também a *Microfísica do Poder*. Além disso, li outros autores como Goffman, que faz um estudo sobre essas instituições que ele chama de instituições totais. Li Percival de Souza, fiz leituras tanto da área jurídica como da sociologia, filosofia e da psicologia (Myrna Maracajá, 2019).

Devo destacar alguns pontos na fala da entrevistada para problematizá-los, começo por “*Não é fácil trabalhar a dança com homens*”. A sociedade estruturou um machismo devastador que, historicamente, construiu um lugar a ser ocupado pelo masculino, e, aqueles que fogem a esse padrão, muitas vezes, são incompreendidos e

marginalizados. Nos últimos anos temos debatido bastante sobre os privilégios de ser homem, mas é preciso também refletir acerca das angústias de ser homem, sobretudo, para aqueles que não se encaixam no padrão da masculinidade hegemônica. Quando a entrevistada afirmou não ser fácil trabalhar a dança com homens, ela compreendia que seria um desafio despertar nos seus alunos a percepção de que há outras formas de masculinidade. Tendo em vista que por longos anos construiu-se, sobretudo, na região Nordeste, o discurso de que ser homem era ser cabra-macho, valente, viril e também violento. Trago na sequência, outro recorte de suas falas que me permitiu fazer esse desdobramento e análise:

[...] enfrentei muitos desafios para levar o projeto adiante, mas o desafio a mais estive em trabalhar com esses homens, porque vivemos em uma sociedade patriarcal e machista. Aqui na região Nordeste, principalmente, isso ainda é muito forte, então eu tive muita dificuldade em trabalhar o corpo desses apenados (*Myrna Maracajá*, 2019).

A narradora me trouxe em suas falas - como pode ser visto na penúltima citação - que ela precisou se debruçar sobre os estudos nos campos da Filosofia, Sociologia, da área jurídica e na Psicologia - seu lugar de formação - para docilizar aqueles corpos. Ela afirmou: “*precisei tomar posse do conceito de corpos dóceis do Michel Foucault para ensinar-lhes a dança*”. Ao utilizar o termo “corpo dócil”, ela está se remetendo a obra *Vigiar e Punir*, que mostra o corpo dócil como aquele que pode ser trabalhado arduamente, sendo assim transformado e aperfeiçoado. Como já foi discutido anteriormente nesse trabalho.

Michel Foucault (2018) ao pensar a mecânica do poder e sua forma capilar de existir, pensa também o ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos e atinge seus corpos, se inserindo em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem e vida cotidiana. Na penitenciária, corpos são alvos de poder, de técnicas de dominação, da coerção disciplinar que os modela e os fabrica como corpos submissos. Contudo, se por um lado a instituição produz esse sujeito obediente e apto a se adequar às normas daquele espaço, silenciando as multiplicidades que o constitui enquanto indivíduo. Por outro lado, o projeto *Cultura no Presídio* trabalhava com as singularidades que

constituem esses homens, pois o corpo educado na arte é despertado para o processo criativo, para a produção de outras subjetividades nas quais eles são capazes de criar vida intensa. Haja vista que ao pintarem, cantarem, dançarem ou atuarem em uma peça, eles saem do lugar que os uniformiza como “o detento”, saem do lugar do silenciamento e da reclusão.

Por fim, para essa pesquisa, foi possível constatar que o projeto *Cultura no Presídio* mostrou que a pedagogização dos corpos por meio da arte pode possibilitar aos indivíduos novas possibilidades de construção de si mesmo. Ou seja, tais práticas pedagógicas são produtoras de experiências de si que articulam a produção de sujeitos singularizados, emaranhados nesta teia de poder-saber. Assim, de acordo com o material analisado é possível afirmar que aqueles que vivenciaram as experiências de encontro com a arte e transformação de si, encontraram caminhos para a ressignificação de suas existências.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de Teoria da História. - Bauru, SP: Edusc, 2007.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: a invenção do “falo” - uma história do gênero masculino. 2ª Edição. São Paulo: Intermeios, 2013.

ANDREOLI, Giuliano Souza. **Representação de masculinidade na dança contemporânea**. Porto Alegre, 2010. 137p.

ARAÚJO, Erônides Câmara de. **Homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor**. - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difel, 1967, 2 vols.

BERGALLO, Andréa. Graduação em dança: contradições e reflexões sobre legitimidade e hegemonia. In: CALAZANS, Julieta. CASTILHO, Jacyan. GOMES, Simone. (orgs.) **Dança e educação em movimento**. - São Paulo: Cortez, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução: Fernanda Siqueira Miguens; revisão técnica Carla Rodrigues. 1ª - ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. 15ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. **Tráfico sexual**: entrevista de Gayle Rubin a Judith Butler. Cadernos Pagu, vol. 21, 2003.

CARVALHO, Yara Maria de. Corpo e história: o corpo para os gregos, pelos gregos, na Grécia Antiga. In: SOARES, Carmen Lúcia. (org). **Corpo e História**. - Campinas, SP: Autores Associados, 2006. - 3ªed.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e estilos de vida**: o jogo da construção de identidades na cultura contemporânea. Revista Perspectivas, São Paulo, jan/2008.

CASTRO, Ana Lúcia. **O corpo como território de construção de identidades na cultura contemporânea**. Revista Perspectivas, 2008.

COSTA, Mauro Sá Rego. Dançando com o corpo sem órgãos. In: CALAZANS, Julieta. CASTILHO, Jacyan. GOMES, Simone. (orgs.) **Dança e educação em movimento**. - São Paulo: Cortez, 2003.

COURTINE, Jean-Jacques e HAROCHE, Claudine. **História do rosto**: exprimir e calar as emoções (do século 16 ao começo do 19). Tradução de Marcus Penchel. - Petrópolis, RJ:Vozes, 2016.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal: História e Antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges. (orgs.) **História do corpo - As mutações do olhar: século XX**. Tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense. 5ª ed. 2005

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. - São Paulo: editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3ª edição São Paulo: 34. 2010.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume 1**: uma história dos costumes. Tradução: Ruy Jungmann; revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

- FARGE, Arlete. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- FARGE, Arlete. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.
- FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Graal, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France. Tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. 3ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. Entrevista. In: **Une esthétique de l'existence** (entretien avec A. Fontana), Le Monde, 15-16 juillet 1984.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- FRAGA, Alex Branco. Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, Carmen Lúcia. (org). **Corpo e História**. - Campinas, SP: Autores Associados, 2006. - 3ªed.
- FREIRE, Ana Vitória. **Angel Vianna**: uma biografia da dança contemporânea. Rio de Janeiro: Dublin, 2005.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Mathias Lambert Data da Digitalização: 2004
- GONÇALVES, Adriane Oliveira Garcia. Sexualidade, Masculinidades e Dança: o preconceito e o (des)respeito ao bailarino numa incursão aos filmes Billy Elliot e Dzi croquetes. In: FREITAS, Eliane Martins de; MARTINEZ, Fabiana Jordão; MENDES, Lilian Marta G (Orgs.). **Gênero, Sexualidade e Corpo**. Goiânia. UFG/CIAR. Gráfica UFG. 2014.
- IMABASSAÍ, Maria Helena. Conscientização corporal: sensibilidade e consciência no mundo contemporâneo. In: CALAZANS, Julieta. CASTILHO, Jacyan. GOMES, Simone. (orgs.) **Dança e educação em movimento**. - São Paulo: Cortez, 2003.
- LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.
- LARROSA, Jorge. **Tremores**. Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- LEMONS, F. C. S e CARDOSO JÚNIOR, H. R. **A genealogia em Foucault**: uma trajetória. Revista Psicologia e Sociedade, 2008, n. 21.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Âncora de emoções: poética e música em Dolores Duran. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder & PARENTE, Temis Gomes (orgs.). **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo, 2006.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma História das Sensibilidades**: em foco - masculinidade. Editora da UFPR. Revista: História: Questões & Debates, Curitiba, n. 34, p. 45-63, 2001.

MENEZES, Camila Almeida de. **Processo de ressocialização e incorporamento na dança**. VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. Setembro, 2012.

MOTA, Manuel Barros da. (org.) **Problematização do sujeito**: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Michel Foucault, em Ditos e Escritos, vol. 1, Forense Universitária, 2006.

NEVES, Neide. A técnica Klauss Vianna vista como sistema. In: CALAZANS, Julieta. CASTILHO, Jacyan. GOMES, Simone. (orgs.) **Dança e educação em movimento**. - São Paulo: Cortez, 2003.

NUNES, Clarice. Dança, terapia e educação: caminhos cruzados. In: CALAZANS, Julieta. CASTILHO, Jacyan. GOMES, Simone. (orgs.) **Dança e educação em movimento**. - São Paulo: Cortez, 2003.

OBRIEN, Patrícia. A história da cultura de Michel Foucault. In.: Hunt, Lyn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ORY, Pascal. O corpo ordinário. In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges. (orgs.) **História do corpo - As mutações do olhar: século XX**. Tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PAGNI, Angelo Pedro. O cuidado de si em Foucault e as suas possibilidades na educação: algumas considerações. In: SOUZA, Luiz Antônio Francisco de. SABATINE. Thiago Teixeira. MAGALHAES, Boris Ribeiro de. (orgs.). **Michel Foucault**: sexualidade, corpo e direito. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate**: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. Revista História, São Paulo, 2005, v. 24, n 1.

PESAVENTO, Sandra. "Sensibilidades: escrita e leitura da alma". In: PESAVENTO, Sandra. LANGUÉ, Frédérique. (Orgs.). **Sensibilidades na História**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 7-21.

PESAVENTO, Sandra. **História e História Cultural**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RAGO, Margaret. A aventura de contar-se: Foucault e a escrita de si de Ivone Gebara. In: SOUZA, Luiz Antônio Francisco de. SABATINE. Thiago Teixeira. MAGALHAES,

Boris Ribeiro de. (orgs). **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo: objeto de estudo. In: **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

Sant'Anna, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia. (org). **Corpo e História**. - Campinas, SP: Autores Associados, 2006. - 3ªed.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHOLZE, Lia. **Narrativas de si e a estética da existência**. Revista: Em Aberto, Brasília. 2007. v. 2, n. 77.

SCOTT, James. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Revista Educação e Realidade, vol. 20, 1995.

SILVA, Márcio Sales da. **Manoel de Barros, o poeta do devir**. Revista: e-escrita, Nilópolis, v.1, n.1, jan-abr/2010.

SILVA, Marta Verônica Melo. **Corpo e masculinidades como tessituras de gênero: o cinderelo no mundo da dança**. TCC, UEPB, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos humanos - nos rastros do sujeito**. Organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte. Autêntica, 2001.

SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen Lúcia. (org). **Corpo e História**. - Campinas, SP: Autores Associados, 2006. - 3ªed.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges. (orgs.) **História do corpo - As mutações do olhar: século XX**. Tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

STINSON, Susan. **Reflexões sobre a dança e os meninos**. Revista Pro-Posições, Campinas, 1998, vol. 9, n 2.

**“A NOVA TAUMATURGIA: O COMBATE AS DOENÇAS POR MEIO DAS
MISSAS DE CURA NA PARAÍBA (208-2011)”**